



JULIANNE DONALDSON

«Um romance
de estreia delicioso
e arrebatador.»

PUBLISHERS
WEEKLY

Verão
em
Edenbrooke



TOP
SEL
LER

Para as almas gémeas, em qualquer lugar.

Capítulo 1

Bath, Inglaterra, 1816

Foi o carvalho que me distraiu. Olhei casualmente para cima, ao passar sob o seu dossel verde e exuberante. O vento agitava as folhas, que rodopiavam em torno dos caules. Ao vê-las, ocorreu-me que eu própria não rodopiava há demasiado tempo. Parei debaixo dos ramos e tentei lembrar-me da última vez que sentira a mínima necessidade de rodopiar.

Foi então que o Sr. Whittles surgiu, de repente, junto de mim.

— Menina Daventry! Que prazer inesperado!

Dei um salto de surpresa e olhei em volta, procurando freneticamente a tia Amelia, que decerto avançara pelo caminho de gravilha enquanto eu me detivera à sombra da árvore.

— Sr. Whittles! Eu... não o ouvi chegar. — Costumava manter pelo menos um dos ouvidos sintonizado com os ruídos da sua aproximação. Mas o carvalho distraía-me.

Ele lançou-me um sorriso radioso e baixou-se tanto numa vénia que o seu espartilho estalou. O rosto largo brilhava de suor e o cabelo ralo colava-se-lhe à cabeça.

O homem tinha pelo menos o dobro da minha idade, e era mais ridículo do que eu conseguia tolerar. Porém, de entre todas as suas feições repugnantes, era a boca que causava o meu mais horripilante fascínio. Quando falava, os seus lábios agitavam-se e ficavam

revestidos de uma película de saliva, que se acumulava nos cantos da boca.

Tentei não o fitar enquanto ele dizia:

— Está uma manhã gloriosa, não concorda? De facto, sinto-me tentado a dizer: «Oh, que gloriosa manhã! Oh, que glorioso dia! Oh, que gloriosa menina vejo para minha alegria!» — Fez uma pausa, como se esperasse um aplauso. — Mas tenho algo melhor para partilhar consigo hoje. Escrevi um novo poema, só para si.

Dei um passo na direção que julgava que a minha tia tivesse seguido.

— A minha tia teria todo o prazer em ouvir a sua poesia, Sr. Whittles. Ela está aí adiante, mas a poucos passos, tenho a certeza.

— Mas, menina Daventry, é a si que espero deleitar com a minha poesia. — Aproximou-se mais de mim. — A minha poesia agrada-lhe, não é verdade?

Escondi as mãos atrás das costas, não fosse ele tentar segurar uma. Já o fizera uma vez, e fora extremamente desagradável.

— Receio bem não ter tanto apreço por poesia quanto a minha tia...

Olhei por cima do ombro e suspirei de alívio. A minha tia solteirona vinha na nossa direção. Era uma excelente dama de companhia — algo que, até este momento, eu não apreciara devidamente.

— Marianne! Aí está a menina! Ah, Sr. Whittles. À distância, não o reconheci. Os meus olhos, já sabe... — Sorriu-lhe com um brilho de felicidade. — Escreveu outro poema? Aprecio muito a sua poesia. O senhor tem tanta habilidade com as palavras!

A minha tia seria o par perfeito para o Sr. Whittles. A sua falta de vista suavizava a natureza repulsiva das feições do homem. E, não devendo muito à inteligência, as tolices dele não a abalavam tanto quanto a mim. De facto, há algum tempo que eu tentava que o Sr. Whittles transferisse para ela as atenções que me dedicava, até agora sem êxito.

— Efetivamente, tenho um novo poema. — Tirou uma folha de papel do bolso do casaco e acariciou-a ternamente. Lambeu os

lábios, deixando um grande pingo de saliva suspenso no canto da boca. Não conseguiu evitar fitá-lo. Abanou, mas não caiu, quando ele começou a ler.

— «A menina Daventry é bela como uma flor, com olhos de uma tão linda cor! Não são verdadeiramente verdes, nunca castanho mortiço; são da cor do mar, e cheios de viço.»

Afastei o olhar da vacilante gota de saliva.

— Que ideia tão gentil. Da cor do mar. Mas os meus olhos são quase sempre mais cinzentos do que azuis. Agradar-me-ia um poema acerca de os meus olhos serem cinzentos. — Sorri inocentemente.

— S... sim, claro. Eu próprio tenho pensado muitas vezes que os olhos da menina parecem cinzentos. — Franziu o sobrolho por um momento. — Ah, já sei! Direi que os seus olhos são da cor do mar num dia de *tempestade*, visto, nessas circunstâncias, tantas vezes se apresentar cinzento, como sabe. Será fácil de alterar e não terei de reescrever o poema, como aconteceu das últimas cinco vezes.

— Que inteligente — murmurei.

— Deveras! — concordou a tia Amelia.

— Mas há mais. «A menina Daventry é bela como uma flor; dos seus cabelos, amo a cor! O seu tom âmbar brilha à luz da vela; oh, como é bela!»

— Muito bem — disse eu. — Só não sabia que o meu cabelo era da cor do *âmbar*. — Olhei para a minha tia. — Alguma vez teve essa impressão, tia Amelia?

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Não. Nunca.

— Vê? Lamento discordar de si, Sr. Whittles, mas parece-me importante incentivar o aperfeiçoamento da sua obra.

Ele assentiu com a cabeça.

— A menina gostou mais quando comparei o seu cabelo com a cor do meu cavalo?

— Sim — suspirei. — Foi infinitamente melhor. — Começava a cansar-me do meu próprio jogo. — Talvez o senhor devesse ir imediatamente para casa, reescrevê-lo.

A minha tia ergueu um dedo.

— Mas tenho pensado frequentemente que o cabelo da Marianne é da cor do mel.

— Do mel! É exatamente isso! — Ele pigarreou. — «O seu tom de *mel* brilha à luz da vela; oh, como é bela!» — Sorriu, mostrando toda a sua boca molhada.

Engoli em seco, agoniada. Como podia alguém produzir tanta saliva?

— Agora está perfeito! Lê-lo-ei para todos ouvirem no jantar dos Smiths, esta sexta-feira — prosseguiu ele.

Estremeci.

— Oh, isso estragá-lo-á, Sr. Whittles. Um poema tão belo deve ser guardado no coração. — Tentei arrancar-lhe o papel. — Posso ficar com ele, por favor? — Ele hesitou, mas lá o depositou na minha mão. — Obrigada — disse-lhe, com toda a sinceridade.

A tia Amelia perguntou-lhe, então, pela saúde da mãe. Quando o Sr. Whittles começou a descrever uma ferida supurante que esta tinha no pé, o meu estômago revolveu-se. Era, simplesmente, demasiado repulsivo. Para me distrair, afastei-me deles e voltei a erguer o rosto para o carvalho que antes me chamara a atenção.

Era uma árvore enorme, e fez-me sentir ainda mais saudades do campo. As folhas continuavam a rodopiar ao vento, e voltei a colocar-me a pergunta que me detivera momentos antes. Quando fora a última vez que eu rodopiara?

Rodopiar fora outrora um hábito meu, embora a minha avó o tivesse considerado um mau hábito se tivesse tido conhecimento dele. Acompanhara os meus outros hábitos, como o de me sentar durante horas no pomar com um livro ou o de correr pelos campos no dorso da minha égua.

Deviam ter passado pelo menos 14 meses desde a última vez que eu rodopiara; desde que, enlutada havia pouco tempo, fora arrancada de minha casa e depositada à soleira da porta da minha avó, em Bath, enquanto o meu pai partia para França, para fazer o luto à sua maneira.

Fora há 14 meses — mais dois do que eu temera, inicialmente, ser deixada nesta vila sufocante. Embora nunca tivesse tido uma boa razão para acreditar nisso, esperara que um ano de luto separada do meu pai fosse castigo suficiente. Assim, há dois meses, no aniversário da morte da minha mãe, aguardara o dia inteiro pelo regresso dele. Imaginara, repetidamente, que o ouviria bater à porta e que o meu coração saltaria dentro do peito. Imaginara a rapidez com que eu correria a abri-la. Imaginara-o a sorrir-me, ao anunciar que viera buscar-me para me levar para casa.

Contudo, nesse dia, há dois meses, ele não viera. Eu passara a noite sentada na cama, com uma vela acesa, esperando ouvir a batida na porta que assinalaria a minha libertação daquela gaiola dourada. Porém, a manhã nasceu, e a batida nunca soou.

Suspirei, contemplando as folhas verdes que dançavam ao vento. Há tanto tempo que não tinha razões para rodopiar! E não ter razões para rodopiar aos 17 anos era um problema sério.

— Escorria pus. — A voz do Sr. Whittles voltou a captar-me a atenção. — Escorria imenso pus.

A tia Amelia, um pouco amarela, tapava a boca com uma mão enluvada. Achei que era o momento de intervir. Peguei-lhe no braço e disse ao Sr. Whittles:

— A minha avó espera-nos. Tem de nos desculpar.

— Com certeza, com certeza! — disse ele, baixando-se tanto numa vénia que o espartilho gemeu sonoramente. — Espero vê-la em breve, menina Daventry. Talvez no Pump Room?

Claro que ele sugeriria o ponto de encontro da sociedade de Bath para outro encontro «fortuito». Conhecia bem os meus hábitos. Sorri educadamente e fiz uma nota mental para evitar tomar chá no Pump Room, pelo menos durante a semana seguinte. Depois, empurrei a tia Amelia na direção do vasto relvado que separava o caminho de gravilha do Royal Crescent. O edifício descrevia uma curva num gracioso semicírculo de pedras douradas, como um par de braços estendidos, prontos para um abraço. Os aposentos da avó dentro do Royal Crescent eram dos mais requintados que Bath

podia oferecer. Mas o luxo não compensava o facto de Bath representar o estilo de vida urbano no seu pior. Tinha tantas saudades da minha vida no campo que ansiava por ela, desesperadamente, dia e noite.

Encontrei a minha avó na sala, a ler uma carta, ocupando a sua cadeira como se fosse um trono. Ainda vestia o preto de luto. Quando entrei, ergueu a cabeça e varreu-me com o seu olhar crítico. Os seus olhos eram cinzentos, penetrantes, e não lhes escapava nada.

— Onde esteve toda a manhã? A saltitar novamente pelos campos, como o pirralho de um camponês?

Da primeira vez que eu ouvira aquela pergunta, tremeram-me as pernas. Desta vez, sorri, pois já conhecia o jogo que fazíamos uma com a outra. Sabia que a avó se regozijava com uma boa disputa verbal pelo menos uma vez por dia. Também sabia, embora nunca a acusasse disso, que o seu exterior desabrido dissimulava o que ela considerava a maior das suas fraquezas — um coração mole.

— Não, só faço isso nos dias ímpares, avó. Nos pares, aprendo a mungir vacas. — Debrucei-me e dei-lhe um beijo na testa. Ela segurou-me o braço por um momento. No que a demonstrações de afeto dizia respeito, este era o seu limite.

— Hunf! Julgo que se acha muito engraçada — disse ela.

— Na verdade, não. É preciso praticar muito para aprender a mungir uma vaca. Sinto-me ainda horrivelmente inábil.

Vi os músculos à volta da sua boca tremerem, tentando ocultar um sorriso. Ajeitou o xaile de renda e indicou-me, com um gesto, que me sentasse na cadeira ao seu lado.

Espreitei a pilha de cartas na mesa de apoio.

— Veio algum correio para mim hoje?

— Se quer saber se chegou alguma coisa daquele desleixado do seu pai, não, não chegou.

Desviei o olhar, para esconder a minha decepção.

— Deve estar a viajar. Provavelmente, não tem oportunidade de escrever.

— Ou talvez se tenha esquecido das filhas, por estar tão centrado no seu luto — murmurou ela. — Passando as suas responsabilidades para quem nunca as pediu, principalmente numa idade avançada.

Estremeci. Certas farpas da avó eram mais afiadas do que outras. Este era um tópico particularmente doloroso, pois eu odiava a ideia de ser um fardo; contudo, não tinha mais para onde ir.

— Quer que me vá embora? — não consegui deixar de perguntar.

Ela olhou para mim com maus modos.

— Não seja tola, Marianne. Já me basta a Amelia. — Dobrou a carta que estivera a ler. — Voltei a receber más notícias daquele meu sobrinho.

Ah, o Vil Sobrinho. Eu devia ter calculado. Nada punha a minha avó mais maldisposta do que tomar conhecimento do último escândalo envolvendo o seu herdeiro, o Sr. Kellet. Era um libertino e um patife, e esbanjava todo o seu dinheiro no jogo, contando herdar a generosa fortuna da avó. A minha irmã gémea, a Cecily, achava-o impetuoso e romântico; eu achava-o tudo menos isso. Era uma das muitas coisas em que eu e ela discordávamos.

— O que fez o Sr. Kellet desta vez? — perguntei.

— Nada que seja apropriado para os seus ouvidos inocentes. — Ela suspirou, prosseguindo numa voz mais doce. — Creio que cometi um erro, Marianne. Ele está destinado à ruína. Os danos que infligiu ao nome da família são grandes e irreparáveis. — Ergueu uma mão trémula até à testa, parecendo frágil e cansada.

Fitei-a com surpresa. A avó nunca antes exibira tal vulnerabilidade diante de mim. Era deveras invulgar nela. Inclinei-me para ela e peguei-lhe na mão.

— Avó, não se sente bem? Quer que lhe vá buscar alguma coisa?

Ela sacudiu a minha mão.

— Não seja indulgente comigo, menina! Sabe que não tenho paciência para esses comportamentos. Estou apenas cansada.

Disfarcei um sorriso. Se me respondia assim, era porque estava bastante bem. Contudo, a sua reação não tinha precedentes. Normalmente, conseguia fazer vista grossa ao mau comportamento

do Sr. Kellet e lembrar-se das razões que faziam dele o seu favorito. (Acho que o apreciava por ele não a temer.) Mas nunca a vira tão preocupada, nem tão desanimada.

A avó apontou para a pilha de cartas em cima da mesa.

— Está aí uma carta para si. De Londres. Leia-a e deixe-me sozinha por uns minutos.

Peguei na carta e fui para a janela, deixando a luz do Sol banhar a caligrafia familiar. Quando o meu pai me trouxera para Bath, encontrara uma situação ainda mais apropriada para a minha irmã gêmea, a Cecily. Esta passara os últimos 14 meses em Londres, em casa da nossa prima Edith, e parecia ter desfrutado de cada minuto.

Para gêmeas, eu e a Cecily éramos notavelmente diferentes. Ela era muito melhor do que eu em todas as artes femininas. Era muito mais bonita e refinada. Tocava piano e cantava como um anjo. Namoriscava, sem qualquer dificuldade, os cavalheiros. Gostava da vida na cidade e sonhava desposar um homem com um título. Era ambiciosa.

As minhas ambições eram muito diferentes. Eu queria viver no campo, montar o meu cavalo, sentar-me num pomar e pintar, cuidar do meu pai, sentir que estava no meu lugar, fazer algo de bom e útil com o meu tempo. Mas, acima de tudo, queria ser amada por aquilo que era. As minhas ambições pareciam pacatas e tacanhas, comparadas com as da Cecily. Por vezes, receava parecer pacata e tacanha, comparada com a Cecily.

Ultimamente, as cartas da Cecily só falavam da sua querida amiga Louisa Wyndham e do seu belo e titulado irmão mais velho, com quem a minha irmã estava determinada a casar. A Cecily nunca me disse o nome dele — nas cartas, ele era apenas «o irmão». Creio que temia que fossem lidas por alguém menos discreto do que eu. Talvez fosse a minha criada, a Betsy, quem a preocupava, pois era a mais incurável coscuvilheira que eu já conhecera.

Não contei isto à Cecily, mas, recentemente, perguntara à Betsy como se chamava o filho mais velho dos Wyndhams, e ela descobrira que era Charles. Sir Charles e Lady Cecily soava bem, na minha

opinião. Claro que, se a Cecily decidira casar com ele, assim seria. Ela conseguia sempre o que queria.

Antes de quebrar o lacre da carta, fechei os olhos e pedi um desejo, em silêncio: *Por favor, que ela não se ponha outra vez a divagar acerca da querida Louisa e do seu formoso irmão.* Eu não tinha nada contra os Wyndhams — afinal, as nossas mães haviam sido grandes amigas de infância, e eu tinha tanto direito a reivindicar esta ligação quanto a Cecily —, mas não a ouvira falar praticamente de mais nada nos últimos dois meses, e começava a achar que os Wyndhams eram mais importantes para ela do que eu.

Abri a carta e li.

Minha querida Marianne,

Lamento saber que Bath é como uma prisão para ti. Não consigo compreender bem a sensação, adorando Londres como adoro. Talvez, sendo gémeas, eu tenha recebido no meu coração toda a civilização, enquanto tu recebeste a natureza no teu. Não estamos, sem dúvida, equitativamente divididas neste aspeto, pois não?

(A propósito, sendo tua irmã, posso perdoar que escrevas coisas como: «Preferia ter o sol, o vento e o céu a adornar a minha cabeça, muito mais do que um belo chapéu.» Mas, por favor, imploro-te: não digas estas coisas às outras pessoas. Receio que te considerem chocante.)

Sabendo do teu atual estado de infelicidade, não te aborrecerei com um relato de tudo o que fiz na última semana. Apenas te direi o seguinte: a minha primeira temporada social na cidade está a ser tão divertida quanto eu esperava. Mas hoje não porei à prova a tua paciência, acrescentando pormenores, antes que rasgues esta carta sem leres as notícias importantes que te envio.

A minha muito querida amiga Louisa Wyndham convidou-me para passar uma temporada com ela na sua propriedade no campo. Pelo que percebi, é enorme. Chama-se Edenbrooke e fica em Kent. Partiremos para lá dentro de duas semanas. E, agora, a parte importante: também estás convidada! Lady Caroline estendeu-te o convite, pois somos ambas filhas da sua «mais querida amiga» de infância.

Oh, diz que irás, e passaremos uma temporada maravilhosa! Poderei até precisar da tua ajuda na minha demanda para me tornar «Lady Cecily» (não soa fantástico?), porque, evidentemente, o irmão irá lá estar, e esta é a minha oportunidade de o agarrar. Além disso, poderás conhecer a minha futura família.

*Dedicadamente,
Cecily*

A esperança invadiu-me tão intensamente que fiquei sem fôlego. Voltar para o campo! Deixar Bath e os seus horríveis limites! Estar com a minha irmã depois de tanto tempo afastadas! Era demasiado para assimilar. Voltei a ler a carta, desta vez devagar, saboreando cada palavra. Era óbvio que a Cecily não precisava realmente da minha ajuda para garantir a afeição de Sir Charles. No que tocava a namoros, eu não podia oferecer-lhe nada que ela não conseguisse obter melhor sozinha. Mas esta carta provava que eu ainda era importante para ela — que ela não me esquecerá. Oh, que irmã! Esta podia ser a solução para todos os meus problemas. Isto podia dar-me um motivo para voltar a rodopiar.

— Então? O que diz a sua irmã? — perguntou a avó.

Virei-me ansiosamente para ela.

— Convidou-me para ir passar uma temporada com ela na propriedade dos Wyndhams, em Kent. Ela parte de Londres dentro de duas semanas.

A avó cerrou os seus lábios enrugados, lançando-me um olhar especulativo, mas não disse nada. Perdi o ânimo. Ela não me recusaria permissão para ir, pois não? Sobretudo sabendo o que aquilo significaria para mim.

Encostei a carta ao peito, com o coração a doer por reçar que esta inesperada bênção me fosse negada.

— Dá-me permissão?

Ela olhou para a carta que ainda segurava — a que trazia as más notícias acerca do Sr. Kellet. Depois atirou-a para cima da mesa e endireitou-se na sua cadeira.

— Pode ir, mas somente com uma condição. Tem de refrear os seus modos selvagens. Não pode passar os dias inteiros a correr ao ar livre. Precisa de aprender a comportar-se como uma jovem senhora elegante. Aprenda com a sua irmã; ela sabe comportar-se em sociedade. Não posso permitir que a minha herdeira se comporte como uma criança selvagem. Não quero ser embaraçada por si como fui por aquele meu sobrinho.

Fitei-a. Herdeira?

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que está a pensar. Vou deserdar o Sr. Kellet e legar-lhe a si a maior parte da minha fortuna. Neste momento, a sua parte monta a cerca de 40 mil libras.

Capítulo 2

Eu sabia que estava de boca aberta, mas não conseguia arranjar forças para a fechar. Cerca de 40 mil libras! Não imaginava que a avó fosse *tão* rica.

— Claro — continuou ela — que não há qualquer propriedade vinculada, mas tenho esperança de que case com um proprietário. O mínimo que pode fazer com a minha fortuna é tentar arranjar um excelente marido. — Levantou-se e dirigiu-se para a sua secretária. — Conheço os Wyndhams. Eu própria escreverei a Lady Caroline, aceitando o convite em seu nome. Duas semanas dão-nos tempo para lhe mandar fazer vestidos novos. Deve começar imediatamente os preparativos.

Sentou-se à secretária e muniu-se de uma folha de papel. Eu parecia não conseguir mexer-me. O curso da minha vida acabara de mudar, sem aviso e sem delongas.

Ela olhou para mim.

— Então? O que tem a dizer?

Engoli em seco.

— Eu... não sei o que dizer.

— Pode começar por dizer obrigada.

Sorri debilmente.

— Claro. Estou grata, avó. É só que... estou atarantada. Não tenho a certeza de ser a pessoa adequada para esta responsabilidade.

— Será esse o objetivo da sua visita a Edenbrooke: torná-la adequada. Os Wyndhams são uma família muito respeitada. Pode aprender muito convivendo com eles. De facto, é essa a minha condição. Quero que se torne uma jovem senhora como deve ser, Marianne. Enquanto lá estiver, escrever-me-á a contar o que está a aprender, ou voltará para cá e eu própria a ensinarei.

Os meus pensamentos estavam num torvelinho, e nenhum deles perdurava tempo suficiente para eu perceber o que estava a acontecer.

— Está pálida — disse a avó. — Vá lá para cima e deite-se. Voltará ao normal não tarda nada. Mas não diga uma palavra acerca desta herança àquela sua criada! Não é o género de informação que os outros devam saber neste momento. Se a menina não consegue desencorajar um simplório como o Sr. Whittles, será impotente contra homens mais astutos que correrão atrás da sua fortuna. Eu decidirei quando esta notícia deverá ser conhecida. Ainda preciso de notificar o meu sobrinho.

Abanei a cabeça.

— Claro que não contarei a ninguém. — Mordi o lábio inferior. — Então, e a herança da tia Amelia? E da Cecily?

Ela abanou a mão, como se isso não tivesse importância.

— A parte da Amelia é independente da sua. Não se preocupe com ela. E a Cecily, ao contrário de si, não precisa de fortuna para fazer um excelente casamento.

Esta herança nascera de piedade? Por a minha avó pensar que, sem ela, eu não seria capaz de casar? Senti que devia estar embaraçada com esta revelação, mas também me senti estranhamente indiferente, como se uma conduta importante entre a minha mente e o meu coração tivesse sido cortada. Caminhei lentamente para a porta. Talvez precisasse mesmo de me deitar um pouco.

Abri a porta e quase fui atirada ao chão pelo Sr. Whittles. Ele devia estar encostado à porta, porque tropeçou, desequilibrado, para dentro da sala.

— Perdão! — exclamou.

— Sr. Whittles! — disse, recuando rapidamente, para evitar qualquer contacto físico com ele.

— Eu... voltei por causa do meu poema. Para poder fazer as alterações que a menina sugeriu.

Olhei em frente e vi a tia Amelia à espera, no vestíbulo. Pelo menos, isso explicava a presença dele ali em casa. Tirei o poema do bolso e entreguei-lho, com o cuidado de não lhe tocar na mão. Ele fez uma vénia e agradeceu-me quatro vezes, enquanto se retirava da sala e descia o corredor até à porta da rua. O homem era completamente ridículo.

Porém, ao vê-lo, uma sensação de entusiasmo percorreu-me, construindo uma ponte sobre o estranho abismo que sentira entre a minha mente e o meu coração. Que se danasse a herança! Pensaria nisso mais tarde. Em breve poderia sair de Bath e, esperava eu, nunca mais ver o Sr. Whittles. Sorri e virei-me para correr escadas acima. Tinha uma carta para escrever.



Escrevi à Cecily para aceitar o seu convite, mas não mencionei a herança. Apesar das garantias da avó, acreditava que a Cecily se sentiria menos indiferente em relação ao facto de não herdar uma fortuna do que a avó se sentia por não lha deixar. Decerto que eu não poderia arrecadar 40 mil libras enquanto a minha irmã gémea desfrutava apenas de um pequeno dote. Não me sentiria confortável com uma vantagem tão injusta.

Decidi, contudo, após alguns dias a apoquentar-me com o assunto, que haveria muito tempo para o resolver com a Cecily. E a avó ainda estava cheia de vida. Poderiam passar-se anos até o dinheiro chegar às minhas mãos. Por mim, não diria nada a ninguém enquanto não se tornasse uma realidade.

As duas semanas seguintes passaram numa confusão de visitas frenéticas a modistas e chapeleiros. Eu devia ficar feliz com tantas compras, mas a ideia de estar em exibição em Edenbrooke

transformou o meu prazer em ansiedade. E se eu embarçasse a Cecily diante da sua futura família? Talvez ela se arrependesse de me ter convidado. E seria eu capaz de me comportar com o decoro que a minha avó esperava de mim? Apoquentei-me com estes assuntos até ao momento de partir de Bath.

Na manhã da minha partida, a avó olhou para mim ao pequeno-almoço e disse:

— Está verdadeiramente pálida, menina. O que se passa consigo? Forcei um sorriso antes de falar.

— Estou bem. Apenas um pouco nervosa, creio.

— É melhor não comer nada. Parece o género de pessoa que enjoa em longas viagens de carruagem.

Lembrava-me bem da viagem para Bath. Vomitara três vezes, uma delas em cima das minhas botas. Não queria, nem por sombras, chegar a uma casa estranha nesse estado.

— Creio que tem razão — respondi, afastando o prato. De qualquer forma, não tinha fome.

— Antes de ir, quero dar-lhe uma coisa — disse a avó.

Enfiou uma mão trémula por dentro do xaile e retirou um medalhão de ouro, que me entregou.

Abri-o cuidadosamente e sustive a respiração ao ver o que continha. Emoldurado na delicada oval, estava um retrato em miniatura da minha mãe.

— Oh, avó! — disse baixinho. — Nunca tinha visto este retrato! Que idade tinha ela aqui?

— Tinha 18 anos. O retrato foi pintado mesmo antes de ela casar com o teu pai.

Então era esta a aparência da minha mãe quando tinha a minha idade. Não me foi difícil imaginar o alvoroço que devia ter causado em Londres, pois era uma beleza rara. Não tinha mais nenhum retrato dela; todos os outros continuavam pendurados nos corredores silenciosos da nossa casa, em Surrey. Coloquei o fio ao pescoço, sentindo o peso reconfortante do medalhão encostado à pele. O meu nervosismo cedeu imediatamente, e comecei a respirar com mais facilidade.

Um criado anunciou que a carruagem estava pronta. Pus-me de pé e a avó lançou-me um olhar crítico da cabeça aos pés, antes de, por fim, acenar em aprovação.

— Agora, quero que se lembre dos seus deveres para com o nome da sua família. Não faça nada que me desgrace. Lembre-se de usar chapéu sempre que sair de casa, ou ficará cheia de sardas. E outra coisa... — Apontou-me um dedo artrítico e nodoso, sacudindo-o, com uma expressão de absoluta seriedade. — Nunca, mas nunca... cante perante uma audiência.

Cerrei os lábios e fitei-a, enfurecida.

— Não creio que precisasse desse último conselho.

Ela riu-se.

— Pois, também não pensei que precisasse. Quem poderia esquecer o horror da sua última atuação?

Corei ao recordar essa situação embaraçosa. Apesar de terem passado quatro anos desde a noite do meu primeiro recital público, sentia-me mortificada sempre que pensava nisso.

Despedi-me da avó e da tia Amelia, ansiosa por me pôr a caminho, mas, quando saí de casa, uma voz familiar chamou o meu nome. Estremeci. Teria mesmo de suportar o Sr. Whittles uma última vez?

Ele avançou rapidamente na minha direção, agitando uma folha de papel no ar.

— Trouxe-lhe o seu poema revisto. Não partirá imediatamente, pois não?

— Receio bem que sim. Por isso, Sr. Whittles, isto é um adeus.

— Mas... mas o meu sobrinho chega hoje e expressou interesse em conhecê-la. De facto, é esse o propósito da sua viagem para Bath.

Não me interessava conhecer nenhum familiar do Sr. Whittles. O que eu queria era sair dali e nunca mais voltar a vê-lo.

— Lamento. — Apontei para a carruagem, onde um laçao aguardava, segurando-me a porta. — Não posso esperar.

O desânimo assomou ao seu rosto e, por um momento, algo como um desapontamento profundo refulgiu nos seus olhos.

Depois, pegou-me na mão e levou-a aos lábios. O beijo que aí depositou foi tão molhado que deixou uma mancha na luva. Virei-lhe as costas, para que não me visse estremecer de repulsa. Um cocheiro desconhecido acenou-me com a cabeça, enquanto eu entrava na carruagem, onde a Betsy me aguardava, com o seu rol de coscuvilhices, decerto suficientes para, pelo menos, uma hora de conversa.

— Onde está o cocheiro da avó? — perguntei à Betsy.

— Ficou de cama na semana passada, com gota, e a avó da menina contratou este. — Apontou com o queixo para a parte da frente da carruagem. — Chama-se James.

A verdade é que fiquei aliviada por ver que não seria um homem idoso e frágil a guiar a carruagem durante 12 horas. Este cocheiro parecia muito mais robusto, e provavelmente também nos faria chegar mais depressa. Porém, a Betsy cerrou os lábios, reprovadora.

— O que se passa? — perguntei.

— Eu não quero dizer mal dos seus familiares, menina Marianne, mas a sua avó não devia ter sido tão forreta com esta viagem. Na minha opinião, devia ter contratado mais um cocheiro.

Encolhi os ombros. Não podia fazer nada acerca disso e, desde que chegássemos em segurança ao destino, estava satisfeita. Afinal, estaríamos a viajar pelo campo e não por uma das estradas principais, onde os perigos eram mais prováveis.

Enquanto a carruagem percorria as ruas, olhei pela janela, para um último relance à cidade. Agora que estava de partida, podia admitir, contrariada, que Bath possuía alguma beleza, especialmente com todos aqueles edifícios de pedra dourada, retirada das pedreiras nas colinas próximas.

As rodas da carruagem rolavam sobre as ruas de pedra, passando pelos banhistas matinais que iam experimentar as águas.

De repente, a Betsy inclinou-se para a frente.

— Aquele é o Sr. Kellet?

Era, na verdade, o Vil Sobrinho, a passar diante do Pump Room com a sua postura lânguida de quero-lá-saber. Olhou para nós e, embora eu tivesse recolhido rapidamente a cabeça, foi evidente que

me viu, pois ergueu o chapéu e sorriu-me com desdém, como costumava saudar-me.

Felizmente, tinha vindo hoje, e não ontem, dia em que eu teria sido obrigada a testemunhar a sua reação ao anúncio de ser retirado do testamento da avó. Eu escapara à tangente. Contudo, não podia escapar à tagarelice da Betsy.

— Nem imagina quão ansiosa estou por visitar Edenbrooke! Ouvi dizer que é uma propriedade enorme, e juro que estou feliz por deixar Bath, pois não há aqui ninguém com quem valha a pena conversar, e não tenho dúvida de que iremos divertir-nos à grande em Kent.

Continuou a falar sem parar, como era seu hábito, enquanto saíamos de Bath e rolávamos pelos campos montanhosos. Fiquei aliviada ao perceber que o segredo da minha herança estava seguro, pois, se a Betsy tivesse conhecimento dele, não falaria de outra coisa.

Enquanto tagarelava acerca das últimas bisbilhotices de que se inteirara e das suas expetativas em relação a esta «maravilhosa aventura», olhava ocasionalmente para o coxim à sua direita. Sempre que o fazia, calava-se, o que era algo raro nela e me fez pensar o que haveria naquela parte da carruagem que tanto a interessasse. Contudo, não arranjei energia para lhe perguntar, devido ao constante estado de transtorno do meu estômago.

Parámos numa estalagem por volta do meio-dia, mas ainda me parecia insensato comer. A etapa seguinte da viagem afastou-nos da estrada principal e, à medida que a tarde avançava, o meu estômago continuou a revolver-se. A carruagem da avó era velha e as molas estavam em mau estado, fazendo-me sentir cada lomba e buraco da estrada.

Nessa tarde, o tempo ensolarado nublou-se, e o céu estava cinzento como uma tampa sobre uma panela de ferro. A minha disposição alterou-se em conformidade com o tempo, e uma sensação de desconforto instalou-se no meu íntimo. Toquei no meu medalhão, dizendo a mim mesma que não me sentisse nervosa. Era uma aventura excitante. E, independentemente de como fossem os

Wyndhams, a Cecily estaria lá, pelo que não precisava de me preocupar com nada. A conversa da Betsy transformou-se num leve ressonar quando ela adormeceu no banco à minha frente. Olhei pela janela, pensativa. Ia ver a Cecily novamente.

Antes do acidente que levara a minha mãe, a minha vida podia considerar-se um conto de fadas. Teria começado assim: Era uma vez um homem e uma mulher que há muito ansiavam por um filho, e tiveram duas meninas gémeas. Estas meninas eram, para eles, o Sol e a Lua.

A Cecily era o Sol, eu era a Lua. Apesar de gémeas, não tínhamos mais parecenças do que quaisquer irmãs em geral. Tornou-se claro, desde muito cedo, que a Cecily recebera mais do que a sua justa porção de beleza, pelo que dispunha de mais do que a sua justa porção de atenção. E, embora eu, por vezes, desejasse brilhar com luz própria, estava acostumada a que as coisas fossem assim — a refletir a luz da minha irmã. Crescera ofuscada pelo seu brilho. É certo que nem sempre apreciava o meu papel de luz menor, mas, pelo menos, sabia desempenhá-lo bem. Sabia deixar a Cecily brilhar. Conhecia o meu lugar no mundo.

Contudo, tudo o que eu sabia acerca de mim e do meu lugar mudou e precipitou-se na revolução que se seguiu à morte da minha mãe. A Cecily foi para Londres depois do funeral; ela sempre quisera viver na cidade, e a Edith recebeu-a de braços abertos. Eu nunca teria deixado o meu pai. A partida da Cecily pareceu-me pura e simplesmente uma deserção.

Pouco tempo depois, o meu pai anunciou, de repente, que eu iria viver em Bath, com a minha avó. Os meus protestos foram inúteis. Ele partiu da nossa casa no campo para França, e aí permaneceu. A nossa família ficou despedaçada. Porém, eu esperava que esta viagem para Edenbrooke fosse uma oportunidade para tudo voltar a ficar bem. Estaria novamente com a minha irmã, e talvez, entre as duas, conseguíssemos convencer o nosso pai a voltar para casa.

Pressionei o medalhão de encontro ao peito e senti-me inundada de esperança. Sem dúvida, o retrato da minha mãe possuía poderes

mágicos sobre o meu coração. E talvez também os tivesse sobre o meu estômago, pois este não tardou a acalmar. Pouco depois, eu própria dormitei, embalada pelo sacolejar da carruagem.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordei com um solavanco, desorientada sob a luz fraca. Olhei em volta, tentando perceber o que me acordara. A Betsy ressonava sonoramente, mas já estava a ressonar antes de eu adormecer, pelo que não fora isso que me acordara. Percebi, então, que a carruagem havia parado. Espreitei pela janela, perguntando-me se teríamos chegado a Edenbrooke. Não vi luzes, não vi nenhuma mansão, nem sequer uma estalagem. Contudo, reparei que o céu clareara e que uma lua cheia e brilhante iluminava o cenário.

Um tiro irrompeu no silêncio. Dei um salto, assustada. Um homem gritou e a carruagem avançou, voltando depois a parar.

A Betsy mexeu-se.

— O que foi isto? — murmurou.

Encostei a cara à janela. Dois olhos fitaram-me do outro lado do vidro. Gritei. A porta da carruagem abriu-se e uma grande sombra negra preencheu a entrada.

— Saiam e entreguem os valores! — A voz era grave e abafada.

Eu ouvira falar de salteadores de estrada e sabia o que devia fazer. Tinha de sair da carruagem e entregar-lhe todas as minhas joias e dinheiro. Contudo, ao ouvir aquela voz ameaçadora, uma espécie de instinto avisou-me de que seria imprudente abandonar a proteção da carruagem.

Procurei a minha bolsa e atirei-a pela porta aberta.

— Tome. Está aí o meu dinheiro. Fique com ele e vá-se embora.

O mascarado, porém, ignorou o dinheiro, segurando-me antes o pescoço. Eu gritei, soltei-me e ouvi um estalido. Vi o brilho de uma corrente de metal pendurada nos dedos do ladrão antes de ele cerrar firmemente a mão. O meu fio. O meu medalhão. O único retrato que tinha da minha mãe. Tentei recuperá-lo, mas ele segurou-o fora do meu alcance, rindo-se baixinho.

Depois, vi o que ele segurava na outra mão. Uma pistola.

— Agora, saia da carruagem.

Falou com uma voz tão suave que fiquei gelada até aos ossos. Um suor frio escorreu-me entre as omoplatas. Recuei até ao outro lado da carruagem. Se me queria fora dali, teria de me arrastar.

Ele, evidentemente, pensou o mesmo. Segurou-me o tornozelo e torceu-o com força. A dor subiu-me rapidamente pela perna. Tomei no chão da carruagem, de cara para baixo, e fui puxada para trás. Arranhei o chão, os dedos à procura de algo a que se agarrarem, e gritei. O grito prolongou-se — horrível, aterrorizador. Percebi, então, que não era eu que gritava. Era a Betsy.

Esquecera-me dela, mas o seu grito enchia agora a noite com um horrendo e arrepiante som que fez o meu coração disparar. Parecia possessa. De repente, percebi que ela desconhecia que o saltador estava armado. Abri a boca para a avisar quando, por cima da minha cabeça, soou um barulho agudo e ensurdecador.

O grito mudou para um arquejo, misturando-se com pragas sonoras e o relincho dos cavalos assustados. O ar encheu-se de fumo. A carruagem balançou, e a porta fechou-se com força de encontro ao meu tornozelo. Gritei, sentindo uma dor forte, e pus-me de joelhos.

— Betsy! Estás ferida?

Consegui pôr-me de pé e segurei-a pelos ombros, esforçando-me por a ver claramente. Ela abanou a cabeça, ainda arquejante, estendendo algo na minha direção. O luar refletiu-se na pistola de prata que ela segurava na mão trémula. Olhei para ela, boquiaberta, peguei na pistola e pousei-a cuidadosamente no assento.

O som de cascos de cavalo chamou-me a atenção e, olhando pela janela, vi um cavaleiro afastar-se a galope. Ao que parecia, o nosso saltador fugira.

A Betsy tombou no banco, e eu afundei-me ao seu lado, inclinandome para a frente com a cabeça entre as mãos. Os seus arquejos transformaram-se em soluços.

— Oh, não! Acabei de dar um tiro num homem. E se o matei? O que me irá acontecer?

Eu tinha a cabeça a andar à roda. Tentei respirar fundo, mas engasguei-me com o fumo suspenso no ar.

— Não, tenho a certeza de que não o mataste. Vi-o ir-se embora a cavalo. Mas como diabo conseguiste tu tirar-lhe a pistola?

— N... não tirei — disse ela, ainda a soluçar. — Usei a que estava escondida no coxim.

Levantei a cabeça.

— Estava ali uma pistola? O tempo todo? Como sabias?

— Des... descobri-a enquanto a menina estava a falar com o Sr. Whit... Whittles.

Quase me ri de alívio. A Betsy salvara-nos! Abracei-a, até que os soluços dela fizeram com que as nossas cabeças batessem uma na outra. Quando a soltei, lembrei-me de algo.

— Espera. Onde está o James? Porque não veio em nosso auxílio?

De repente, lembrei-me do som do primeiro tiro, logo depois de a carruagem ter parado. Um homem tinha gritado. O meu coração encheu-se de pavor. Virei-me e, através da janela partida, vi uma figura estendida no chão. Era o nosso cocheiro, o James.

ROMANCE E AVENTURA
NUMA HISTÓRIA ENCANTADORA,
AO ESTILO DE JANE AUSTEN.



*M*arianne Daventry seria capaz de tudo para escapar ao tédio de viver em Bath e às investidas amorosas de um pretendente indesejado. Por isso, quando a sua irmã gémea, Cecily, a convida para passar o verão com ela em Edenbrooke, a maravilhosa propriedade rural de uns amigos da família, ela nem hesita em aceitar.

Parte assim para a casa de campo, pensando que poderá finalmente relaxar enquanto a irmã tenta conquistar Philip, o encantador herdeiro da propriedade. Mas rapidamente descobre que até os melhores planos podem correr mal.

Desde ser vítima de um assalto terrível até ter de ignorar sentimentos indesejados que começa a sentir pelo anfitrião da casa, Marianne vê-se enredada numa grande aventura, repleta de romance e intriga, que a deixará completamente desorientada.

Conseguirá Marianne conter o seu coração,
ou irá um estranho arrebatá-lo irremediavelmente?



«Uma belíssima história de amor
que irá aquecer o coração do leitor.»

Publishers Weekly

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8869-63-0  9 789898 869630 Ficção Romântica</p>
--	--